
AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA LATINA NO CINEMA HOLLYWOODIANO

Cátia Cilene dos Santos¹

(Bacharel em comunicação social/hab. Rádio e TV/ UFS)

e-mail: catiacilene25@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo desse trabalho é analisar se o cinema contribui na formação das identidades culturais e se o filme reflete os valores e crenças da cultura que o originou. Para isso, foram usados conceitos pontuados por autores como Barbero, Hall, Leite, Turner, Kellner. Deste modo, é apresentado primeiro o conceito de identidade cultural tendo com referencial teórico Stuart Hall autor do livro *"Identidade cultural na pós-modernidade"*. Conforme esse autor, as culturas nacionais constituem-se em uma das principais fontes de identidade cultural. Apresentaremos como no cenário cinematográfico mundial, prevalece o modo de viver e pensar da sociedade norte-americana, pois, os filmes produzidos por essa indústria ocupam quase que 90% das salas de cinema do mundo. E como através desse poder o cinema norte-americano recria e representa identidades culturais que vigoram no imaginário coletivo. Em linhas gerais, o estudo busca mostrar como os estereótipos e clichês são formas de reduzir as identidades para atrair mais pessoas como estratégia de mercado.

Palavras-Chave: Cinema, Identidade Cultural, Hollywood.

ABSTRACT: The aim of this work is to analyze if the movies contributes in the cultural identities formation and if it reflects the cultural values and believes that it originates. To do that it was used concepts pointed by authors such as Barbero, Hall, Leite, Turner, Kellner. For that matter, it is presented at first the cultural identity concept having as a theoretical referential Stuart Hall, author of the book *"The question of the cultural identity"*. According to this author, the national cultures constitutes in one of the main sources of cultural identity. It will be presented the way the worldwide cinematographic scene prevail the way to live and think of the North American society, as the movies produced by this industry possess almost 90% of the movies rooms of the world. And as through this power the North American movies recreates and represents cultural identities that are in force in the collective imaginary. In general, the study looks for showing the way the stereotypes and clichés are means to reduce the identities to attract more people as market strategies.

Keywords: Movies, Cultural Identity, Hollywood.

¹ Bacharel em comunicação social/habilitação radialismo pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é estudante do curso de Letras português pela Universidade Federal de Sergipe. Email: catiacilene25@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A identidade cultural é, no presente, um tema central porque trata tanto do olhar da comunidade sobre si mesma, como também sobre os demais. Ao falar sobre identidade cultural é necessário mencionar o conceito de nação. A nação é um discurso construído pela sociedade. A idéia de nação somente passa a existir quando os membros que compõem uma comunidade se imaginam integrantes de uma nação. Ou seja, quando os indivíduos se identificam com os elementos que são considerados característicos dessa nação.

As discussões dos cientistas sociais têm girado em torno das mudanças na estrutura da sociedade, provocadas pela globalização, que também tem gerado modificações nas identidades culturais. Na avaliação de alguns estudiosos, esse processo fez surgir novas identidades e fragmentou o indivíduo que agora não tem mais uma identidade fixa, imutável.

Esse fenômeno produz novos sujeitos com identidades fragmentadas, contraditórias e que estão constantemente sendo formadas, assim como a própria história desses sujeitos. Portanto, segundo essa concepção, o sujeito passa a ser definido historicamente e não mais biologicamente como era pensado o sujeito do iluminismo. Assim, a cultura não é mais vista como algo inerente ao ser humano, mas como algo construído, um produto coletivo da vida humana.

É interessante notar que o termo identidade é recente, mas, apesar das diversas definições e reinterpretações que esse termo sofreu os estudiosos não formularam ainda um conceito que seja amplamente aceito. Para alguns deles, a identidade é definida a partir de uma situação relacional.

Desde o momento que o homem percebe diferenças e semelhanças entre a sua comunidade e as demais, ele toma consciência de si mesmo como um indivíduo que pertence a uma cultura. A identidade cultural brasileira, por exemplo, passa pelo que faz o indivíduo se definir como brasileiro, mas também pelo que faz com que ele seja diferente dos argentinos.

Nesse contexto, os veículos de comunicação desempenham um papel fundamental na formação e afirmação das identidades culturais. Dentre eles, podemos destacar o cinema que, com seu grande poder de abrangência, representa e recria culturas nacionais.

A quase totalidade dos estudos que buscam analisar se existe uma relação entre o cinema e a cultura chega à conclusão que os filmes refletem os valores, crença e comportamentos da cultura da sociedade que o originou. Assim sendo, esse veículo de comunicação pode ser usado como instrumento de análise dos valores e crenças predominantes em determinada cultura nacional. Entretanto, outras análises defendem que esse aparato tecnológico não reflete nem registra a realidade.

Tendo como base a revisão bibliográfica realizada é possível afirmar que o cinema tem uma relação direta com a cultura e o filme reflete os valores vigentes da cultura que o originou. O cinema, assim como os diferentes veículos de comunicação, fornece os materiais com os quais as pessoas formulam suas noções de certo e errado, bem e mal.

CONCEITO DE IDENTIDADE CULTURAL

É interessante destacar que ao falar sobre identidade cultural é necessário mencionar o conceito de nação, pois estes dois elementos estão intimamente ligados. Hall (2001) define a nação como sendo um “sistema de representação cultural”. Ela é um discurso socialmente construído.

O autor complementa dizendo que, as culturas nacionais em que se nasce constituem-se em uma das principais fontes de *identidade cultural*. Ao definir-se o indivíduo diz ser brasileiro, jamaicano, ou inglês. Todavia, está se falando de forma metafórica. Estas identidades não estão impressas nos genes. Elas são formadas e transformadas no interior da representação.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2001, p. 50)

Para Hall (2001, p.49), a nação não é somente uma entidade política, mas também é algo que produz sentidos. As pessoas não se sentem apenas cidadãs de uma nação, elas compartilham da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Por ser uma comunidade simbólica, a nação tem o poder de gerar um sentimento de lealdade e identidade.

Na avaliação de Ernest Gellner, a idéia de um homem sem nação parece impor uma grande tensão à imaginação moderna. Sem um sentimento de vínculo a uma nação o homem moderno sentiria um profundo sentimento de perda subjetiva. (GELLNER, 1983, apud HALL, 2001, p. 48). Já para o filósofo Roger Scruton, a condição de homem exige que o sujeito, embora exista e aja como um ser autônomo, somente faça isso porque pode, primeiramente, identificar a si mesmo como algo mais amplo. Ou seja, como membro de uma sociedade, grupo, classe, Estado ou nação. (SCRUTON, 1986, apud Hall, 2001, p. 48)

Hall (2001, p.49) defende que é a partir de uma cultura nacional que se criam padrões de alfabetização universal, isto é, generalizam uma língua como meio de comunicação dominante. É possível também criar e manter instituições culturais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional.

Como as identidades culturais são construídas a partir dos sentidos que a cultura nacional dá a nação, essa padronização da alfabetização possibilita que esses sentidos sejam transmitidos para os membros de uma nação através de narrativas contidas nas histórias orais e escritas que incute nas pessoas uma versão socialmente aceita sobre a origem mítica do país.

Segundo Leite (1992, p.36), se analisarmos os escritores brasileiros do século XIX- principalmente os políticos, cronistas e os críticos, veremos como se construíram os símbolos, os mitos que justificam a nacionalidade brasileira; como a figura de Tiradentes aos poucos emergiu para a história e as comemorações patrióticas, como o 7 de setembro constituir-se em data nacional.

Ou seja, como os brasileiros, aos pouco, formaram uma imagem nacionalista do Brasil. O nacionalismo brasileiro, como outros nacionalismos, exige uma continuidade

histórica, um passado comum que se aproxima do mito, característica que aqui, como em outros países, é a atmosfera que cerca os heróis nacionais.

O assunto *identidade cultural* sempre gerou interesse dos cientistas sociais. Contudo, na atualidade, esse objeto tem ocupado o centro das discussões das teorias sociais e humanas. Consoante Hall (2001, p.7), a questão da identidade está sendo amplamente discutida na teoria social. O ponto central dessa discussão é o seguinte: as velhas identidades, que durante um longo tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, que antes era visto como um indivíduo unificado.

Os teóricos sociais não formularam ainda um conceito sobre *identidade cultural* que seja amplamente aceito. Para Cucho (2002, p.176), o conceito de *identidade cultural* se caracteriza por sua polissemia e sua fluidez. Apesar do surgimento recente, o termo identidade já teve diversas definições e reinterpretações. Entende-se por *identidade cultural* o sentimento de pertencimento às culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e nacionais.

Hall (2001, p.10) resgata três concepções diferentes de identidade. A primeira é a do *sujeito do iluminismo*. Essa concepção compreendia a pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, dotado de razão, de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que nascia junto com o indivíduo e permanecia com ele ao longo da sua vida. Conforme essa concepção, o homem devido a sua hereditariedade biológica, já nasceria com os elementos constitutivos da *identidade cultural* da sociedade da qual fosse fazer parte, por exemplo, os caracteres fenotípicos e as qualidades psicológicas. A segunda concepção de identidade é o *sujeito sociológico*.

O sujeito sociológico defende a existência de um núcleo interior do indivíduo. Entretanto, esse núcleo não era autônomo, nem auto-suficiente. Ele necessitava da interação com outras pessoas, que transmitia para o sujeito os valores, sentidos e símbolos da cultura. Na terceira concepção de identidade está o sujeito pós-moderno. Essa concepção defende que o indivíduo não tem mais uma identidade fixa, essencial e permanente. Contudo, as identidades culturais nunca foram fixas, imutáveis. Se o sujeito acredita ter uma

identidade unificada desde o nascimento é porque se criou uma estória cômoda sobre ele mesmo.

O CINEMA REFLETE A IDENTIDADE CULTURAL DE UM PAÍS?

Muitos estudos têm sido elaborados visando entender se existe uma relação entre cinema e cultura. Na visão de Turner (1997, p.128), esses estudos têm ocorrido sob várias perspectivas dentre elas podemos destacar: a relação do cinema com a sociedade; cinema e política; cinema e cultura de massa; outras análises vêem no cinema evidências documentais de movimentos da história social.

Em muitos casos, essas análises chegam à conclusão de que existe uma relação mais ou menos “reflexionista” entre o cinema e a sociedade. Segundo essas análises, o cinema reflete os valores e crenças dominantes de uma cultura. Por exemplo, o otimismo e a utopia transmitidos pelos musicais norte-americanos da década de 1940 eram um reflexo do estado de espírito da sociedade daquela época. Já o expressionismo alemão ou realismo italiano são apontados como representações das profundas divisões políticas entre o velho e o novo nesses países.

O cinema tem por função entreter, informar, trazer temas pertinentes para serem discutidos pela sociedade ou oferecer um simples escapismo. Além de um meio de informação e lazer, ele exerce um papel estratégico na disseminação e afirmação das identidades culturais. Independente da função a que o filme se propõe, seja entreter ou informar, ele sempre carrega em si a visão da cultura que o originou.

Segundo Barbero (2003, p.144), o cinema exerce um papel relevante na construção da identidade nacional. Esse veículo de comunicação vai ligar-se à fome das massas por se fazerem visíveis socialmente. Ele através das imagens dá voz à identidade nacional. Assim:

As pessoas vão ao cinema para se ver, numa seqüência de imagens que mais do que argumentos lhes entrega gestos, rostos, modo de falar e caminhar, paisagens, cores. Ao permitir que o povo se veja, o cinema o nacionaliza. Não lhe outorgando uma nacionalidade, mas sim o modo de senti-la. (BARBERO, 2003, p.244)

O cinema é um dos meios através do qual um povo enxerga a sua cultura e a de outras comunidades. E, a partir dessa visualização, o indivíduo cria conceitos sobre si mesmo e sobre os outros formando, portanto, sua identidade cultural. Assim como outras tecnologias da comunicação, esse aparato tecnológico exerce enorme influência na vida das pessoas ao disseminar culturas, gravar na vida dos espectadores novos hábitos culturais e com isso transformar com maior ou menor intensidade as culturas nacionais.

Kellner (2001, p.9) afirma que existe uma cultura transmitida pelos veículos de comunicação que, através de imagens, sons e espetáculos ajudam urdir o tecido da vida cotidiana, pois, dominam o tempo de lazer das pessoas, modela opiniões políticas e comportamentos sociais e fornecem os materiais com que as pessoas forjam suas identidades. O rádio, a televisão e o cinema, como também os produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem sucedido ou mal sucedido. Os materiais fornecidos pelos meios de comunicação, ou seja, símbolos, mitos e recursos contribuem para que as pessoas construam o seu senso de classe, etnia, nacionalidade, sexualidade, de “nós” e “eles”.

O autor acrescenta ainda que os meios de informação e entretenimento são uma fonte de pedagogia cultural, visto que nos ensina como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar- e o que não. Diante do que foi dito pelo autor, o consumo e a produção cinematográficos são atividades culturais importantes na sociedade moderna.

Leite (1992, p.83) o cinema reflete, mais que as outras manifestações artísticas a mentalidade de uma nação; em primeiro lugar os filmes são feitos por um grupo de pessoas, em segundo lugar, eles são destinados às multidões anônimas e frequentemente procuram satisfazer aos desejos de grandes grupos. O sucesso de alguns filmes não é medido tanto pelo êxito de bilheteria, mas também pela repetição de certos temas, principalmente se estes forem apresentados em vários níveis, isto é, desde as películas mais populares até as mais ambiciosas.

Todavia, existem estudos que divergem das observações apresentadas acima. Turner (1997, p.128), as visões que surgiram de disciplinas como a lingüística estrutural,

antropologia estrutural, teoria literária e teorias marxistas discordam dessa conclusão. Segundo essas disciplinas, o cinema não reflete nem registra a realidade, como qualquer outro meio de representação, esse veículo de comunicação constrói e reconstrói seus quadros da realidade, por meio dos códigos, convenções, mitos e ideologias de sua cultura, bem como mediante práticas significadoras específicas desse meio de comunicação.

Assim como o cinema atua sobre os sistemas de significado da cultura – para renová-los, reproduzi-los ou analisá-los também é reproduzido por esses sistemas de significados. O cineasta trabalha com os repertórios e convenções representacionais disponíveis na sua cultura a fim de fazer algo diferente, mas familiar, novo mas genérico, individual mas representativo”(1997, p.128).

O PODER DO CINEMA NORTE - AMERICANO NO MERCADO CINEMATOGRAFICO MUNDIAL.

Devido a seu grande poder de inserção no mercado cinematográfico mundial, a indústria de cinema hollywoodiana representa e recria identidades que vigoram no imaginário coletivo. Na opinião de Leite (2003, p.34), os filmes produzidos pela indústria cinematográfica de Hollywood reuniam todas as condições para que o cinema se convertesse em instrumentos de propaganda e dos valores norte-americanos.

Turner (1997, p.23) compartilha da mesma opinião, para o autor, com o início da primeira guerra mundial, as indústrias cinematográficas da França e Itália reduziram suas produções, o mesmo ocorrendo com outras indústrias como a Grã-Bretanha e a Alemanha. Os Estados – Unidos começaram a atuar em mercados até então dominados por outros fornecedores, tanto na Europa como na América Latina.

A exportação de filmes norte-americanos aumentou de 10 milhões e 500 mil metros em 1915 para 47 milhões e 700 mil metros em 1916. Até o final da guerra os Estados-Unidos estavam produzindo 85% dos filmes de todo o mundo e 98% daqueles exibidos na América Latina. Nesse contexto, os Estados Unidos podia seguramente fazer filmes para o mercado doméstico e vendê-los ao exterior com lucros. Diante desse quadro, existe pouca ou nenhuma motivação para os produtores norte-americanos adaptarem seus produtos a outro público que não fosse o interno.

Leite (2003, p.38), nos anos de 1930, a indústria cinematográfica hollywoodiana exercia absoluto controle do mercado cinematográfico mundial. Em 1938, enquanto a União Soviética produziu 41 filmes, nos Estados Unidos foram realizados 448 filmes. No ano seguinte, o cinema norte-americano produziu 469 películas, enquanto que a Índia, outra referência em produção cinematográfica, realizou 170 filmes. Essa expansão da indústria cinematográfica hollywoodiana começou a ocorrer logo após o fim da primeira guerra mundial. Segundo o autor supracitado, o sucesso dos filmes norte-americanos se explica fundamentalmente por suas bases estritamente industriais, estabelecidas no *studio system*.

Organizado de forma a maximizar os lucros, o *studio system* esteve no auge entre os anos de 1932 e 1946. (...) Com o *studio system*, todos os integrantes da produção (diretores, atores e roteirista) ficaram diretamente subordinados às ordens do produtor - a peça fundamental de todo o sistema. Numa perspectiva mais ampla, pode-se dizer que o *studio system* marcou o fim do cinema artesanal e o início da “internacionalização” do filme. Nesse complexo processo o poder de difusão da visão de mundo norte-americana começou a atingir o seu auge. (LEITE, 2003, p.36)

AS REPRESENTAÇÕES DA AMÉRICA LATINA NOS FILMES HOLLYWOODIANOS.

Com o intuito de promover uma maior aproximação com os países da América Latina, os Estados Unidos criaram uma política de boa vizinhança. Segundo o escritor Leite (2003, p.38), essa política começou a ocorrer no início dos anos 20, pois a política externa agressiva dos Estados Unidos vinha sendo questionada por setores da sociedade latino-americana. As linhas de resistências ocorreram em duas frentes: no plano político, por meio dos protestos diplomáticos nas conferências pan-americanas. No plano cultural, os protestos decorreram de grupos de intelectuais latino-americanos; merecendo destaque os intelectuais da América hispânica que passaram a defender um retorno às raízes culturais ibéricas, devido ao grande avanço da cultura anglo-saxã e européia.

Na avaliação dos Estados Unidos, essas reivindicações significavam limites à penetração norte-americana no continente. Esses fatores somados à grande depressão econômica e o crescimento comercial europeu na América Latina fizeram com que os

Estados Unidos redefinissem sua política externa para o continente, a fim de manter sua hegemonia sobre os países latino-americanos.

Como fruto dessa nova postura norte- americana foi criada uma agência com o objetivo de pôr em prática os projetos políticos e ideológicos contidos na política de boa vizinhança. A seção de cinema, *Motion Pictures*, merece destaque especial.

Leite (2003, p.40), cita que dentre as atribuições dessa seção estavam: a) estimular “voluntariamente” a indústria cinematográfica hollywoodiana a não produzir filmes que contivessem críticas às repúblicas latino-americanas; b) incentivar os produtores a não distribuir na América Latina filmes que criassem impressões negativas dos Estados Unidos e de seu modo de viver e pensar; c) produzir filmes com locações na América Latina; d) estimular o interesse dos norte-americanos pela cultura latino-americana, pois aqueles desconheciam e ignoravam o modo de vida dos sul-americanos; e) utilizar artistas latino-americanos em produções cinematográficas norte-americanas.

De acordo com Leite (2003, p.41), nesse período foram produzidos os filmes “Serenata tropical”, “Aconteceu em Havana” dentre outros. O filme “Serenata tropical” é uma adaptação para a América Latina do filme “Romance do Sul”.

A importância de “Serenata Tropical” reside, entre outros aspectos, no fato da mesma ter inaugurado uma série de filmes que foram produzidos em seqüência e que ficaram conhecidos como filmes-bananas. Além disso, a película contribuiu para acirrar as relações entre os governos da Argentina e dos Estados Unidos” (2003, p.41).

Entretanto, apesar do sucesso obtido nos Estados Unidos, o filme não teve a mesma recepção na Argentina. A película cometeu vários equívocos, o que irritou o governo argentino que proibiu a exibição do filme no país. O filme faz uma mistura de ritmos brasileiros, espanhóis e cubanos fazendo uma espécie de salada tropical. A recepção do filme levou a 20th Century Fox a refilmar algumas seqüências do filme que pôde ser exibido nos cinemas argentinos. Mesmo assim, a película não agrada completamente os argentinos que alegam que “Serenata Tropical” não traz nenhuma canção do país.

Uma leitura do filme “Aconteceu em Havana” revela que a película contém muitos estereótipos e estigmas. A personagem interpretada pelo ator Cesar Romero é vista como um jogador inveterado, malandro e trapaceiro, já a personagem da atriz Carmem Miranda é impulsiva e temperamental, entretanto, as personagens norte-americanas eram mostradas como sensatas, racionais e românticas.

Através dessa leitura é possível perceber uma tentativa de normatização da identidade estadunidense. Na concepção de Silva (2007, p.81), a identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas como a identidade.

Em uma sociedade em que impera a supremacia branca, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, étnica é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexuada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2007, p. 81)

Assim como o filme “Serenata Tropical”, “Aconteceu em Havana” não agradou ao público latino-americano. Leite (2003, p.41) esclarece que o sucesso dos filmes citados, em seu país de origem, se deve ao fato deles estarem exclusivamente voltados para o entretenimento e diversão do espectador.

Diante desse quadro, os estúdios cinematográficos hollywoodianos adotaram medidas que visavam acabar, ou pelo menos diminuir os erros cometidos pelos filmes que retratavam a cultura latino-americana. Leite (2003, p.50) o governo norte-americano passou a indicar um observador para atuar como fiscal nos estúdios de cinema. A intenção era

acompanhar de perto os filmes voltados para o público latino-americano. Essa atitude gerou protestos, visto que feria o direito de liberdade de expressão assegurada pela constituição dos Estados Unidos.

Outra atitude foi criar o programa Hollywood Lectures que consistia numa série de palestras voltadas para a descrição dos hábitos e costumes da sociedade latino-americana. Porém, é possível observar que essas atitudes não alcançaram o êxito desejado, porque os latino-americanos continuam a serem representados nas películas hollywoodianas com os mesmos preconceitos e estereótipos. Leite afirma que

O êxito de público alcançado pelos filmes-bananas nos Estados Unidos e o simultâneo fracasso dessas mesmas produções na América Latina demonstraram que, por um lado, os estereótipos e manipulações da realidade, constantes nestas produções, motivaram a reação dos latino-americanos, provocando abalos nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Mas, por outro, trouxe entretenimento e diversão para as platéias norte-americanas e, desta forma, proporcionou grandes lucros para 20th Century Fox” (2003, p.50).

Na visão do autor, os fundamentos dos estereótipos devem ser buscados no século XIX. Nos Estados Unidos, as visões da história eram condicionadas pela ideologia cristã protestante que, pregava a superioridade da América protestante sobre a América católica, espanhola e portuguesa. Quando o cinema começa a desenvolver não rompe com essa tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema identidade cultural vem sendo amplamente discutido tanto pelos estudiosos, como também pela sociedade no geral. Portanto, antes de desenvolver essas considerações finais, é importante destacar que este trabalho não tem a pretensão de encerrar o assunto proposto, mas tão somente somar-se aos estudos já existentes a fim de fomentar a discussão sobre identidade cultural e sobre como particularmente o cinema contribui na formação das identidades.

A cultura nacional é uma das principais fontes de identidade cultural. O indivíduo ao definir-se diz ser brasileiro, argentino, jamaicana, entretanto, essas identidades são formadas no interior de representações culturais. Todavia, elas parecem que estão impressas nos genes.

A cultura nacional tem importância tal na vida humana que é difícil imaginar uma pessoa que não tenha nascido em uma cultura. Ela molda nossas ações e comportamentos, não existindo nada no comportamento humano que não seja condicionado pela cultura.

É talvez impossível para um indivíduo posiciona-se completamente fora dos valores e crenças da cultura que está inserido. Uma prova disso são as inúmeras tentativas frustradas dos estúdios cinematográficos norte-americanos, como a indicação de fiscais para atuar nos estúdios ou a série de palestras que visavam descrever o modo de vida dos latino-americanos, para evitar que os filmes que retratavam a cultura latino-americana evitassem os clichês e estereótipos, normalmente atribuídos aos sul-americanos. Contudo, os filmes produzidos pelos estúdios norte-americanos que abordam a cultura sul-americana continuam a reproduzir a visão que os estadunidenses têm da sociedade latino-americana.

Em vista disso, o cinema constitui-se em precioso instrumento de análise dos valores, crenças e comportamento de determinada sociedade. Através dos filmes podemos compreender como as instituições utilizam as produções cinematográficas para propagar idéias, valores, crenças, comportamentos, manipularem fatos e acontecimentos.

Apesar de o cinema ser amplamente divulgado como um meio de comunicação voltado, quase que exclusivamente, para um entretenimento desinteressado, todo filme traz implícito no seu texto uma mensagem. Existe uma cultura da mídia que ocupa o tempo livre das pessoas e moldam opiniões políticas, comportamentos sociais e fornecem materiais com que as pessoas constroem suas identidades.

Assim, não há como postular a hipótese, segundo a qual, os filmes guardam uma neutralidade e objetividade em relação à sociedade que o produziu. (LEITE, 2003, p.8)

Com a política de boa vizinhança promovida pelos Estados Unidos, o cinema tornou-se decisivamente num veículo de propaganda da visão de mundo da sociedade norte-americana, como também se transformou numa poderosa indústria de entretenimento que gerou e continua a gerar milhões de dólares aos estúdios cinematográficos. Portanto, os clichês e estereótipos são uma forma de reduzir as identidades para atrair mais pessoas como estratégia de mercado.

Do trabalho apresentado pode-se inferir que o exterior é de fundamental importância na formação das identidades culturais. Por isso, as representações culturais que o cinema faz contribuem para formar a identidade cultural do país que está sendo representado.

REFERÊNCIAS

- BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2003.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2002.
- GRAEMER, Turner. **Cinema como prática social**. São Paulo. Summus Editorial, 1997.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.
- LEITE, Dante Moreira. **O Caráter nacional brasileiro: História de uma ideologia**. 5ed. São Paulo. Editora Ática, 1992.
- LEITE, Sidney Ferreira. **O Cinema manipula a realidade?** São Paulo. Paulus, 2003.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia: Estudos Culturais: Identidade e Política entre o Moderno e o Pós-moderno**. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro. Vozes, 2007.